

MINHAS EXPERIÊNCIAS AMAZÔNICAS: UM POUCO DO QUE APRENDI

Pedro Paulo Abreu Funari¹

Departamento de História, UNICAMP

Meus contatos com temas amazônicos surgiram na graduação em História da Universidade de São Paulo, logo após o ingresso, em 1977. Diversas disciplinas tangenciaram a História e a cultura amazônicas, em especial História da América e Pré-História, ministradas por Inês Garbuio Peralta, na primeira, e José Affonso Bueno de Moraes Passos, este último com a assistência de Solange Caldarelli, na segunda. O livro de Donald Lathrap *The Upper Amazon. Ancient Peoples and Places* acabava de chegar em tradução lusa (*O alto Amazonas*. Tradução Maria Adelaide Garcia) e sua leitura foi a descoberta tanto da riqueza cultural, quanto das conexões da região com os Andes, com o Caribe e com as terras baixas sul-americanas, por meio de uma análise entusiasmante das evidências arqueológicas. O tema indígena não podia deixar de envolver a Amazônia, nas disciplinas e em leituras como Florestan Fernandes (1950), Egon Schaden (1954) ou Clóvis Lugon (1976), ainda na graduação.

¹ Doutor em Arqueologia (1990), pela Universidade de São Paulo (USP). Livre-docente em História (1996) e Professor Titular (2004) da Unicamp. Professor de programas de pós da UNICAMP, Distinguished Lecturer University of Stanford, Research Associate - Illinois State University, Universidad de Barcelona, Université Laval (Canadá), líder de grupo de pesquisa do CNPq, assessor científico da FAPESP, orientador em Stanford e Binghamton, colaborador da UFPR, UFPel, docente da UNESP (1986-1992) e professor de pós das Universidades do Algarve (Portugal), Nacional de Catamarca, del Centro de la Provincia de Buenos Aires, UFRJ, UERJ. E-mail para contato: ppfunari@unicamp.br.

O mestrado em Antropologia Social (USP 1982-1985) e o estágio no Museu de Arqueologia e Etnologia, no mesmo período, permitiu a ampliação do conhecimento, tanto por meio de cursos com Amadeu José Duarte Lanna, Maria Cristina Mineiro Schatamachia, Francisco Moscoso e Antonio Porro, como pela diversificação das leituras. Embora distante do meu objeto de pesquisa (ânforas béticas de época romana), essa formação diversificada foi fundamental. O contato com os vasos marajoaras da coleção do MAE-USP também contribuiu para o fascínio. Todos indicavam ligações das culturas amazônicas com regiões distantes, assim como o papel particular tanto da análise arqueológica, como de seus modelos interpretativos. O conhecimento, ainda que superficial, da Amazônia fornecia, *all'insaputa*, fermentos para o futuro.

Durante o doutoramento (1986-1990), já docente na Unesp/Assis, tive a oportunidade de aprender com estudiosos americanistas como Warwick Bray, mas acima de tudo por meio das amizades que me foram proporcionadas por Peter Ucko, que me acolheu em sua casa em Southampton, frequentada por estudiosos do mundo todo, como o estudioso da Amazônia, Gustavo Politis. A conseqüente participação, por incentivo de Ucko, no World Archaeological Congress 2, em Barquisimeto, Venezuela, em 1990, colocou-me em contato, entre outros muitos, com Iraida Vargas e Mario Sanoja, cujas obras elucidavam muito das conexões do Orinoco com a Amazônia, mas também com a cubana Lourdes Domínguez, que logo descobriria estudiosa dos aruaques e interessada em sua conexão com a Amazônia.

Durante a década de 1990, em meio a outras atividades, o contato com americanistas como José Oliver (University College London) e Bernardo Fahmel (UNAM) mantiveram o interesse nas conexões americanas, assim como atividades acadêmicas e pesquisas arqueológicas de campo no Acre, Mato Grosso (Funari e Oliveira 2000) e Tocantins. A orientação de Denise Cavalcante Gomes (2005), a parceria com Lourdes Domínguez, com apoio da Fapesp desde o princípio do século XXI, a atuação como contraparte brasileira de Anna Roosevelt (2007/8), com Stephen Shennan (com apoio da Fapesp em 2000 e 2001), tudo isso fortaleceu meu envolvimento amazônico.

A colaboração com a querida e saudosa Denise Schaan foi marcante. Recebeu-me em Belém e seu entusiasmo e versatilidade ao tratar dos temas mais variados ficará em minha memória, no Porto Memorial, e em outras belas paragens (2007). A organização do congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, SAB, em 2009, em Belém, sob a presidência da Denise, ficou marcada, entre outros aspectos, pela inclusão indígena, novidade que tive a satisfação de louvar, com o devido destaque à sua sensibilidade. Iniciava-se a amizade da Denise com a Lourdes Domínguez, cujo interesse pelas conexões aruaques entre Amazônia e Caribe fez com que voltasse a Belém para o Programa de Pós, em 2013, consolidando a parceria. Denise convidou-me a ler e comentar um manuscrito seu, o que me lisonjeou. Em livro ainda inédito, a sair em breve pela Editora da Universidade Estadual de Londrina, organizado por Flávia Marquetti e por mim, será publicado um importante estudo inédito de Denise Schaan sobre “Arte, gênero e sociedade na Amazônia pré-colombiana”. Um extrato da conclusão mostra bem essa ousadia tão saudável da autora:

Os artefatos e a arte pré-colombiana, examinada em seus contextos de produção, uso e descarte, indicam que os papéis desempenhados por mulheres eram fundamentais nas sociedades pré-conquista e que elas haviam alcançado um status importante se comparado às mulheres europeias da época medieval e do renascimento, que se encontravam totalmente oprimidas pelo poder patriarcal do estado, da igreja e da família. (Schaan [inédito])

Lembranças que muito me comovem, ante o desaparecimento intempestivo dessa querida amiga.

Também importante a atuação e coordenação do mestrado Interinstitucional entre Unicamp e Universidade Federal do Amapá (1999-2001), a estadia no Quilombo do Curiaú (Macapá), ou a coorientação de Joana Carlos Bezerra sobre Terra Preta, o tesouro esquecido - Política, Ciência, e as Relações Internacionais na História da Amazônia, assim como publicações sobre temas amazônicos, seja em *Arqueologia Histórica* (Funari 2007.), *Arqueologia em geral* (Bezerra, J. *et. al.* 2017.), entre outras. O pós-doutoramento do professor Michel Justamand (Universidade Federal do Amazonas) sob minha supervisão tem resultado em um envolvimento, em particular, com o Alto Solimões e a publicação de uma série de livros sobre a Antropologia da região, nestes últimos anos.

Nessa trajetória de envolvimento com temas amazônicos, alguns aspectos epistemológicos podem ser ressaltados. A ligação da floresta tropical com regiões distantes a oeste (Andes), ao Sul (até os pampas, ao menos), a Leste, até o Atlântico e a norte (até o Caribe), desde tempos imemoriais e até hoje revela muito sobre as sociedades humanas em geral. Do ponto de vista da teoria social, a Amazônia mostra como os contatos culturais são importantes e como modelos interpretativos que privilegiem a pureza, seja étnica, linguística, biológica ou qualquer outra, não conseguem dar conta da complexidade cultural. O modelo histórico-cultural que propõe a descoberta de grupos humanos distintos, que esteve na base da Arqueologia nacionalista europeia há um século, aplicada no Brasil por meio da importação de modelos norte-americanos, parece pouco adequado para explicar a complexidade cultural da Amazônia (e humana, em geral). A Floresta foi interpretada como perdição (Meggers 1976), ainda que sempre tenha havido quem reagisse a essa visão, como Donald Lathrap, autor já citado.

O questionamento da pureza pressuposta no modelo histórico-cultural, como no clássico de Sian Jones (1997), encontraria na Amazônia evidências da mescla cultural, da mudança e das trocas. O modelo da aculturação, com a suposta passagem de uma cultura inferior a outra superior, parece mostrar a produtividade de conceitos como transculturação (Ortiz 1991), creolização, mestiçagem, que permitem entender, em situações concretas, as trocas culturais, tanto em contextos pré-históricos, como históricos, pois nem mesmo a dominação colonial ou pós-colonial na Amazônia prescinde da troca, da negociação, da mescla, das contradições. O estudo das culturas amazônicas tem inspirado a crítica a modelos interpretativos centrados em uma interpretação normativa da cultura. Franz Boaz e a Antropologia Cultural parecem evidentes a cada dia na Amazônia.

Em seguida, o ambiente amazônico sempre constituiu um desafio particular. A variedade ambiental desse imenso território salta aos olhos (e demais sentidos) de Rio Branco a Macapá, do Pantanal ao Alto Solimões. O estudo das relações humanas e ambientais na Amazônia desde a mais alta antiguidade indica não apenas adaptação, como interação, com a ação humana, em sua variedade cultural, determinante para a dinâmica ambiental/cultural. O determinismo ecológico, associado à noção de degeneração indígena, tão bem criticado por tantos, com destaque para Francisco Silva Noelli e Lúcio Menezes Ferreira (2007) mostra-se insustentável para quem frequenta o ambiente, as pessoas e a literatura da Amazônia, “com olhos para ver” (Mt. 13:13).

Por fim, talvez o mais importante: o aprendizado com o convívio. As oportunidades que me foram oferecidas de atuar no contexto amazônico contribuíram para perceber melhor a complexidade humana e ambiental (ou vice-versa). João Silva Lima, professor de Filosofia Antiga da UFAC, especialista em Aristóteles e amigo, com extenso convívio também na Unicamp (1995-2010), mostrou-me a relevância dos antigos gregos para os amazônicos (e destes para todos nós). Emílio Moran, com sua extensa trajetória amazônica, reiterou para mim como a Amazônia é produtora de reflexão. Nada melhor do que isso, como diria Sócrates (Platão 38a 5-6).

Referências

- Bezerra, J.; P.P.A. Funari & T.W. Kuyper. 2017. Solos Amazônicos? Suas representações e seus contextos históricos. *Revista de História da Arte e Arqueologia* 23 (1): 25-47.
- Fernandes, F. 2013. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. Globo Livros: Rio de Janeiro.
- Funari, P. P. A., & N. V. Oliveira. 2000. *Arqueologia em Mato Grosso*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- _____, 2007. Resenha de Feliz Lusitânia. *Revista de Arqueologia* 19 (1): 145-146.
- Gomes, D. M. C. 2005. *Análise dos padrões de organização comunitária no Baixo Tapajós: o desenvolvimento do Formativo na área de Santarém, PA*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Jones, S. 1997. *The Archaeology of Ethnicity*, London: Routledge.
- Lathrap, D. W. 1970. *The Upper Amazon. Ancient peoples and places*. Londres: Thames & Hudson.
- _____, & M. A. Garcia. 1975. *O alto Amazonas*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Lugon, C. & A. Cabral. 1976. *A república “comunista” cristã dos Guaranis: 1610-1768*. São Paulo: Paz e Terra.
- Meggers, B. 1976. *Amazônia: A Ilusão de um Paraíso*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- Noelli, F.S., & L. Menezes Ferreira. 2007. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14(4): 1239-1264.

Ortiz, F. 1991. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: ed. Ciencias Sociales.

Schaden, E. 1954. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.